

Pais, Filhos e Escolas:

A Verdade Que Ninguém Quer Ouvir



Cleiton Xavier

Eu sei que talvez você não goste de tudo que vai ler aqui.

Mas também sei que você precisa ouvir.

Tenho falado em dezenas de escolas, olhando nos olhos de pais, professores e alunos, e percebo sempre a mesma coisa: muitos estão cansados de fingir que está tudo bem. A verdade é que nossas famílias estão perdendo a autoridade, nossos professores estão sendo desrespeitados e nossos filhos estão crescendo sem limites claros.

Eu nunca acreditei que bater resolvesse. Eu mesmo tenho dois filhos e nunca bati em nenhum deles.

Para mim, educar não é gritar, nem espancar. Educar é dialogar, acompanhar, estar presente.

Mas o que mais tenho visto são pais que usam o trabalho como desculpa para não cumprir a sua maior obrigação: a de educar os próprios filhos.

E, para compensar a ausência, colocam um celular nas mãos das crianças, como se tecnologia fosse sinônimo de cuidado.

Enquanto isso, as escolas ficam sobrecarregadas, tentando assumir um papel que não é delas.

Este e-book não é um manual “politicamente correto”.

É um chamado à realidade.

Aqui, vou te mostrar, de forma direta, dados, reflexões e histórias reais que provam uma coisa: a educação começa dentro de casa.

E quem abre mão dela paga um preço alto – e muitas vezes, a conta chega na escola, no professor e, pior ainda, no próprio filho.

Você pode até discordar de mim, mas não vai conseguir ignorar o que está escrito.

Porque, no fundo, você sabe: a verdade que ninguém quer ouvir é a que mais dói, mas também é a que mais

transforma.

Vamos juntos.

– Cleiton Xavier



Porque o seu filho(a) é prioridade, segundo o ECA

“Quando estudei o Estatuto da Criança e do Adolescente, percebi uma coisa simples: ele não retira a autoridade dos pais, ele reforça a responsabilidade. Eu quero te mostrar como.”

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), muitas vezes apontado como vilão por alguns pais, foi criado para garantir direitos fundamentais. Não se trata de enfraquecer a família, mas de lembrar que a criança e o adolescente são prioridade absoluta da sociedade e do Estado.

Segundo o ECA, prioridade significa que todas as políticas públicas devem proteger o desenvolvimento integral dos filhos. Isso inclui saúde, educação, lazer, convivência familiar e comunitária. Ou seja, não é a lei que tira autoridade: a lei cobra que os pais assumam o papel de protagonistas na vida de seus filhos. Um dado importante: pesquisas do UNICEF indicam que filhos com maior envolvimento dos pais em atividades escolares têm desempenho até 40% superior em relação aos que vivem em lares onde a responsabilidade é transferida apenas para a escola.

Em resumo: a lei reconhece que a família é o primeiro espaço de formação. A escola complementa, o Estado apoia, mas o núcleo principal da educação é o lar.

E quando esse lar é desestruturado, ele se transforma em espelho negativo: a criança cresce violenta, sem respeito, sem limites, mal-educada, acreditando que pode tudo e que o mundo lhe deve obediência.

E esse é o caminho mais curto para um futuro de fracasso, rebeldia e até para a criminalidade. Se você, pai ou mãe, não assumir seu papel agora, amanhã poderá chorar as consequências.



A importância do diálogo



“Quantas vezes, de verdade, você parou para perguntar ao seu filho como foi o dia dele? Parece simples, mas eu já vi na prática: diálogo salva famílias.”
O diálogo é a ponte que une gerações e mantém a família de pé. É através da conversa que pais conhecem os medos, dúvidas e sonhos dos filhos. Eu faço questão de conversar todos os dias com os meus dois filhos — e posso garantir: essa é a base da confiança.

O problema é que, em muitas casas, as palavras foram substituídas por telas, e a comunicação virou apenas cobrança, grito ou reclamação. E aqui vai a verdade dura: um filho que não confia em você, vai confiar em quem? Se não for nos pais, será em colegas sem referência, em influenciadores da internet ou, pior ainda, em pessoas mal-intencionadas.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), crianças e adolescentes que mantêm rotinas de diálogo com a família apresentam até 50% menos casos de depressão e ansiedade. Não é opinião, é ciência: a escuta ativa gera segurança emocional.

Exemplo simples: perguntar diariamente como foi o dia na escola, ouvir sem interromper, olhar nos olhos e demonstrar interesse real. Parece detalhe, mas constrói laços que nenhuma tecnologia pode substituir.

E lembre-se: diálogo não é sermão. Sermão fecha portas. Diálogo abre caminhos. É tempo de qualidade, olho no olho, espaço onde o filho entende que pode errar, mas também pode contar com você para aprender e acertar.

Pais que não dialogam criam filhos que confiam mais no mundo lá fora do que dentro de casa. E esse é um risco que pode custar caro.

É preciso bater para educar?



“Eu nunca precisei bater nos meus filhos. Sei que muitos pais ainda acreditam que sem violência não há respeito. Mas vou ser claro com você: respeito de verdade nasce do exemplo, não do medo.” A ideia de que “apanhar educa” ainda está enraizada em muitos lares brasileiros.

Mas a ciência e a experiência prática mostram outra realidade: violência física não ensina valores duradouros, apenas provoca medo momentâneo. O filho obedece naquele instante, mas por dentro acumula revolta, insegurança e até desejo de vingança.

Segundo a Associação Americana de Psicologia, crianças que apanham apresentam índices mais altos de agressividade, dificuldades emocionais e até maior propensão a reproduzir a violência quando adultas. Ou seja: quem educa batendo, muitas vezes está criando um agressor em potencial.

No Brasil, a chamada Lei da Palmada (Lei Menino Bernardo, de 2014) deixou claro: educar deve ser feito sem violência. Infelizmente, muitos pais distorcem essa lei e dizem que “tiraram a autoridade do pai”. Eu digo o contrário: a lei não tirou autoridade de ninguém, apenas expôs quem já não sabia como educar sem levantar a mão.

A verdadeira disciplina nasce de dois pilares: coerência e constância. Quando os pais estabelecem regras claras, cumprem o que prometem e dão exemplo de comportamento, o filho aprende de forma sólida e respeitosa.

Educar exige firmeza, sim. Mas firmeza não é sinônimo de violência. A autoridade não se conquista pelo grito ou pela agressão. Ela é fruto da presença, do cuidado e da coerência entre o que se fala e o que se faz. Quem bate pode até calar a boca de um filho por alguns minutos. Mas quem educa com exemplo ganha o respeito para a vida toda.

Seu filho é o reflexo da educação que tem em casa



“Eu já estive em dezenas de escolas, conversei com centenas de professores e vi a mesma cena repetida: alunos que agridem colegas e desrespeitam professores.

Sabe o que quase sempre descobrimos? Que esse comportamento não nasceu dentro da sala de aula, mas dentro de casa.”

O que uma criança vive no lar, ela leva para o mundo. A forma como fala, como reage, como respeita ou desrespeita é um reflexo direto do ambiente familiar.

Filhos são espelhos vivos. Podem até não obedecer sempre às palavras, mas nunca deixam de imitar os exemplos.

Pesquisas da Universidade de Harvard apontam que crianças expostas a ambientes familiares violentos têm até 4 vezes mais chances de reproduzir comportamentos agressivos na escola. Não é a escola que “transforma” a criança em violenta — é o reflexo da educação (ou da falta dela) que ela recebe em casa.

Claro, existem exceções: casos de transtornos psicológicos ou neurológicos que demandam acompanhamento especializado. Mas, na grande maioria, quando vemos um aluno rebelde, desrespeitoso e agressivo, estamos vendo o reflexo de um lar desestruturado, sem regras claras e sem presença ativa dos pais.

Seu filho é o reflexo da educação que tem em casa



Exemplo prático: se em casa o filho vê o pai desrespeitando a mãe, ou a mãe gritando com todos, ele aprende que desrespeitar é normal. Se cresce ouvindo palavrões, vai reproduzi-los na escola. Se não tem limite em casa, não vai aceitar limite na sala de aula.

É duro, mas é real: quando os pais não assumem sua responsabilidade, a escola paga o preço – e quem mais sofre é a própria criança, que cresce sem referências sólidas de respeito e convivência.

Não adianta culpar professores ou diretores. A raiz da maioria dos problemas está dentro do lar. Se os pais não corrigirem em casa, ninguém vai corrigir por eles.

Pais, não transfira sua responsabilidade de educar para a escola

“Eu já perdi as contas de quantas vezes ouvi pais dizendo: 'A escola que eduque'. Deixa eu te falar algo duro, mas verdadeiro: escola ensina, quem educa é a família.” A escola tem a missão de formar intelectualmente, transmitir conhecimento, abrir portas para o futuro. Mas o alicerce da vida — valores, caráter, limites, respeito — nasce dentro de casa. Quando os pais terceirizam a educação, esperam que professores assumam um papel que não é deles. E o resultado é desastroso: alunos que chegam sem disciplina, que não sabem ouvir um não, que acreditam que podem fazer tudo. Dentro da sala de aula, isso explode em agressões contra colegas e até contra professores. A criança que não conhece limites em casa não vai respeitar ninguém fora dela.

ATENÇÃO!

E aqui está um ponto importante que muitos pais ignoram: a frase “sou de menor, não dá nada pra mim” é uma farsa.

O Estatuto da Criança e do Adolescente é claro: a partir dos 12 anos, adolescentes podem sim responder por atos infracionais. A medida socioeducativa mais grave é a internação em unidade por até 3 anos. Ou seja, não é verdade que “não dá nada”. Dá, sim. E quem paga junto é a família, que muitas vezes só percebe tarde demais o preço da omissão.

DICA DE OURO

Para pais e Responsáveis

Não existe “confiança cega” quando se trata da segurança do seu filho. Fiscalize diariamente o material escolar. Abra a mochila, folheie os cadernos, confira bolsos e compartimentos. Muitos adolescentes criam fundos falsos ou escondem objetos que os pais jamais imaginariam.

Seu filho pode não gostar dessa atitude. Ele pode reclamar, se sentir “invadido”. Mas lembre-se: melhor ouvir uma reclamação dentro de casa do que uma ligação da escola, da polícia ou do conselho tutelar informando que algo grave aconteceu.

Pais, não transfira sua responsabilidade de educar para a escola



EXEMPLOS REAIS NÃO FALTAM:

Em 2023, em Belo Horizonte, um adolescente foi flagrado dentro da escola com uma arma artesanal escondida no fundo falso da mochila.

No interior de São Paulo, em 2024, alunos foram pegos com drogas escondidas em cadernos ociosos, usados para disfarçar pequenos pacotes.

Em grupos de WhatsApp e Discord, já houve casos de jovens desafiados a levar facas para a escola e registrar em vídeo para “provar coragem”.

Todas essas situações poderiam ter sido descobertas e evitadas se os pais tivessem feito uma simples revista em casa.

Quando pais deixam de orientar, de acompanhar e de impor limites, estão entregando os filhos a um caminho perigoso – onde a escola não pode substituir o lar e a lei não tem piedade diante de atos graves.

NA ESCOLA...

O professor pode ensinar matemática, português, história. Mas quem ensina valores, quem mostra o certo e o errado, quem deve ser exemplo diário, são os pais. Negligenciar isso é condenar seu filho(a) a uma vida de desordem, e, pior, a consequências que poderiam ser evitadas.

A escola não é babá, nem substitui pai ou mãe. Ela cumpre o papel dela. Mas se a família não cumprir o seu, cedo ou tarde a conta chega – e ela costuma ser muito mais alta do que os pais imaginam.



Dentro da sala de aula, a autoridade é do professor

“Se tem uma coisa que eu sempre falo nas minhas palestras é: dentro da sala de aula, quem manda é o professor. Nem o pai, nem a mãe, nem o aluno. É o professor.

E ponto final.”

Vivemos tempos em que muitos alunos se acham “donos do mundo” e pais acreditam que seus filhos são intocáveis, verdadeiros “alecrins dourados”.

Mas deixa eu te dizer uma verdade dura: dentro da escola, seu filho não é rei, não é princesa, e muito menos está acima das regras.

O professor é a autoridade máxima no espaço escolar. Ele não está ali para ser babá, psicólogo, amigo ou pai. Ele é educador. É ele quem conduz a sala, define o ritmo, mantém a ordem e garante que o conhecimento seja transmitido. Sem autoridade, não existe ensino.



E aqui vai algo que muitos desconhecem: o professor, quando ameaçado ou quando vê um aluno ameaçar outro, pode sim dar voz de prisão. Isso mesmo. Ele tem amparo legal para agir, porque dentro da escola, a lei também vale — e vale para proteger a vida, a integridade e o direito de todos.

Os desafios dessa profissão já são imensos: baixos salários, falta de reconhecimento, turmas lotadas, pressão por resultados. E ainda assim, muitos professores precisam lidar com desrespeito diário, com agressões verbais e até físicas. É inaceitável.

Pais precisam entender: quando desautorizam um professor na frente do filho, não estão defendendo a criança — estão ensinando que ele pode desrespeitar qualquer autoridade. E isso abre um caminho perigoso para a vida adulta, porque o mundo real não perdoa quem não sabe respeitar regras.

O professor deve ser respeitado como autoridade, valorizado como profissional e protegido como guardião do conhecimento. Porque se a sala de aula vira terra sem lei, não é só o professor que perde: é toda uma geração que cresce sem limites, sem disciplina e sem futuro.

Educação sem respeito não existe.

E dentro da sala de aula, a última palavra é do professor. Sempre.



Os Desafios da Educação nos Tempos da Internet



“Eu já vi crianças e adolescentes sendo manipulados dentro de seus próprios quartos, enquanto os pais estavam na sala acreditando que 'estava tudo bem'. Não estava. E talvez na sua casa também não esteja.”

Vivemos na era digital, e o celular virou babá eletrônica. Muitos pais entregam o aparelho na mão do filho para se livrar do trabalho de educar, sem perceber que, junto com o celular, entregaram também a porta de entrada para criminosos, abusadores e influenciadores do mal.

Plataformas como Discord, TikTok, Kwai, Instagram e até jogos online estão repletos de comunidades clandestinas onde jovens são desafiados a cometer atrocidades. Sim, atrocidades.

Desafios que começam “inocentes”, mas rapidamente evoluem para coisas

graves: Automutilação para provar “coragem”. Encontros secretos com estranhos marcados por chats. Práticas sexuais transmitidas em vídeo.

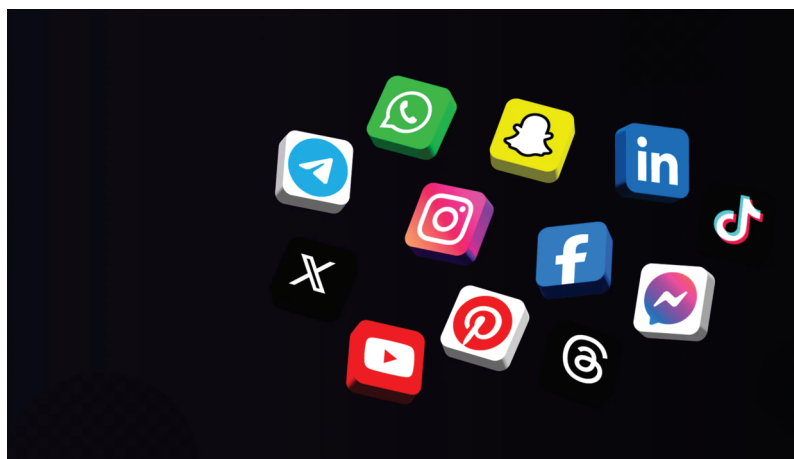
E até crimes reais – furtos, depredação, agressões – filmados e postados para “ganhar respeito” dentro desses grupos.

Pais, eu preciso falar sem rodeios: seu filho pode estar sendo induzido a se machucar ou a cometer um crime só para não ser humilhado num grupo imbecil da internet.

E quando esse jovem cai na armadilha, o que parecia “brincadeira” pode custar a vida. Casos de suicídio ligados a desafios online já destruíram famílias inteiras.

O silêncio dos pais e a falta de fiscalização abriram as portas para esses monstros digitais.

Segundo a SaferNet, só em 2024, denúncias de aliciamento e manipulação de crianças e adolescentes pela internet cresceram mais de 30%. Isso não é estatística distante: é realidade, é aqui, é agora.

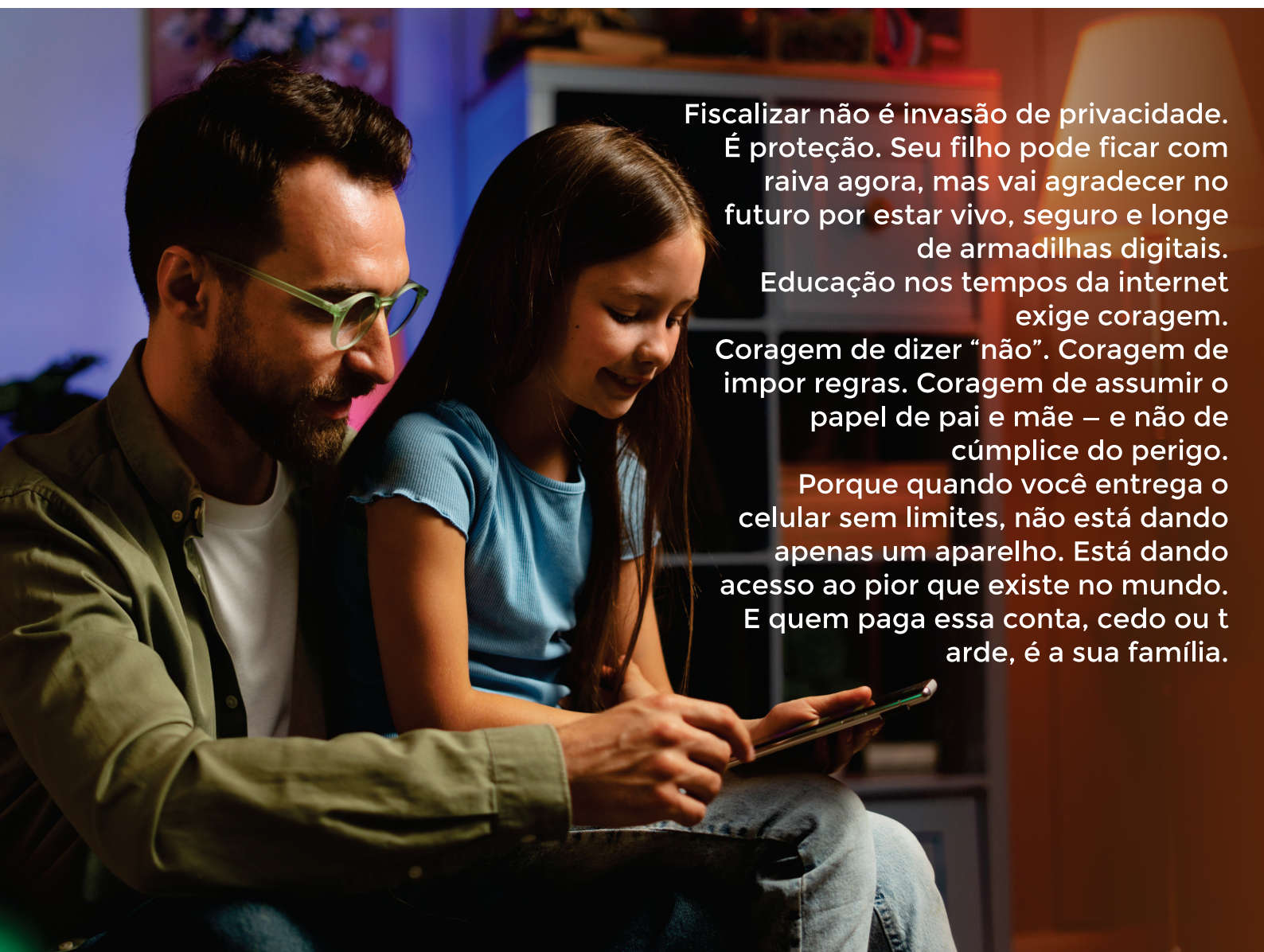


E qual é a raiz do problema?



Pais que acreditam na mentira de que “meu filho sabe se cuidar”, “meu filho é esperto”, “meu filho não cai nessas coisas”. Cuidado: o orgulho cega, e enquanto você repete essa frase, seu filho pode estar jogando a própria vida em um desafio mortal.

A tecnologia não é inimiga. Mas deixar uma criança navegar sem limites e sem supervisão é como entregar a chave de um carro a quem nunca aprendeu a dirigir. O acidente é questão de tempo.



Fiscalizar não é invasão de privacidade. É proteção. Seu filho pode ficar com raiva agora, mas vai agradecer no futuro por estar vivo, seguro e longe de armadilhas digitais. Educação nos tempos da internet exige coragem. Coragem de dizer “não”. Coragem de impor regras. Coragem de assumir o papel de pai e mãe – e não de cúmplice do perigo. Porque quando você entrega o celular sem limites, não está dando apenas um aparelho. Está dando acesso ao pior que existe no mundo. E quem paga essa conta, cedo ou tarde, é a sua família.

Direitos dos professores dentro da sala de aula



**GLEITON
XAVIER**
VEREADOR

“Se tem algo que aprendi nas minhas palestras é o seguinte: a escola pode ter diretor, pode ter coordenador, pode ter pais na porta, mas dentro da sala de aula existe uma autoridade máxima – e ela se chama professor.”

Infelizmente, a realidade de muitas escolas brasileiras virou um retrato de desrespeito. Alunos que acreditam ser “intocáveis”, pais que correm para defender o filho sem sequer ouvir o professor, e uma cultura que tenta transformar o mestre em babá, psicólogo, assistente social e até pai ou mãe. Mas não: professor é professor. E merece respeito absoluto.

O Código Penal Brasileiro assegura que qualquer cidadão pode dar voz de prisão em flagrante delito. Isso significa que um professor tem o direito de deter um aluno que ameace outro colega ou pratique violência dentro da sala. Não se trata de “autoritarismo”, mas sim de proteger a vida, a integridade e a ordem.



E aqui vai um alerta direto para os pais:

Se você acredita naquela frase “meu filho é de menor, não dá nada pra ele”, saiba que isso é uma farsa. A partir dos 12 anos de idade, adolescentes já podem responder por atos infracionais, e a medida mais grave é a apreensão por até três anos em unidades socioeducativas. Ou seja,

não é porque seu filho é “menor” que ele está imune. Existe lei, existe consequência. Agora imagine o peso que cai sobre os ombros do professor: além de ensinar português, matemática, história e ciência, ele precisa lidar diariamente com agressões verbais, ameaças físicas e, em alguns casos, até ataques planejados em grupo.

Não é à toa que muitos profissionais adoecem, desenvolvem ansiedade, depressão e até síndrome de burnout.

E sabe qual é a raiz desse caos?

A ausência de limites dentro de casa. O filho que grita com o pai ou a mãe hoje, amanhã vai gritar com o professor. O aluno que nunca aprendeu a obedecer em casa, jamais vai respeitar regras na escola.

Pais, entendam: a sala de aula não é extensão da sua casa. Lá, quem dita as regras é o professor. É ele quem organiza, quem conduz, quem aplica a disciplina. Se você tenta relativizar ou passar a mão na cabeça do seu filho quando ele erra, você está minando a única autoridade que pode fazer diferença na formação dele fora do lar. Respeitar o professor é respeitar o futuro do seu filho.

E o professor precisa saber que não está sozinho – que a sociedade, os pais e a lei estão do lado dele.

Palestras que realizamos

“Se até aqui você já percebeu que a educação não começa na escola, que o respeito não nasce do medo, que o diálogo salva famílias e que a internet pode destruir vidas, então vai entender porque faço questão de estar presente, pessoalmente, nas escolas de Minas e do Brasil.

Eu não falo só por falar. Eu olho nos olhos. Eu digo o que ninguém mais tem coragem de dizer.”

As minhas palestras são reais. São o reflexo de tudo o que discutimos até aqui – o peso das responsabilidades da família, a urgência de autoridade, os perigos concretos do mundo moderno. São cinco encontros gratuitos que levo a escolas e comunidades para despertar consciência e exigir ação.



1 Abuso Sexual Infantil (Pedofilia)

“Se você não falar sobre isso com seu filho, um pedófilo vai.”
Eu alerto pais, professores e alunos para sinais de abuso, métodos usados por abusadores, e explico como proteger as crianças de forma prática e preventiva. É uma das conversas mais difíceis, mas absolutamente necessária.

2 Bullying e Saúde Emocional nas Escolas

“Uma criança ferida hoje pode se tornar um adulto que machuca amanhã.”
O bullying destrói autoestima, gera evasão escolar e, em casos extremos, leva ao suicídio. Eu mostro como identificar e combater o problema já no início. E como dar suporte emocional para alunos lidarem com exclusões, pressão e agressões.

3 Crianças Atípicas e Inclusão Verdadeira

“Inclusão não é favor. É direito.”
Nesta palestra, falo sobre autismo, TDAH, dislexia e outras condições atípicas. Com sensibilidade, discuto os desafios enfrentados por famílias e escolas. Ensino alunos e educadores a enxergar o outro com empatia, praticar acolhimento real e garantir respeito às diferenças.

4 Uso Indevido das Redes Sociais

“Enquanto os pais trabalham, o celular está educando seus filhos.”
Aqui, faço um aviso urgente: os perigos da internet vão muito além do que vemos. Demonstro como jovens podem ser manipulados por algoritmos, comunidades perigosas (como grupos incels), desafios virais. Explico que deixar o mundo digital sem limites práticos é abrir brecha para abusos, influências ruins e riscos sérios.

Palestras que realizamos



5 Combate às Drogas e Tráfico Dentro das Escolas

“As drogas estão entrando pela porta da frente. Alguém precisa dizer basta.”

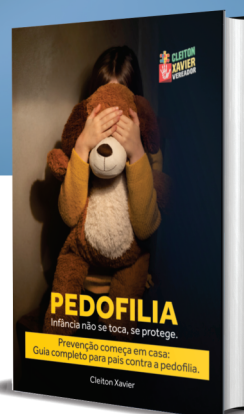
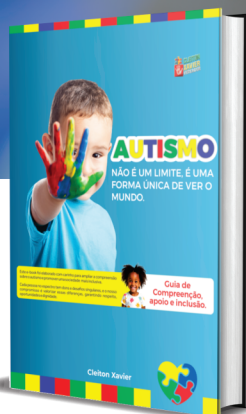
Com base na minha experiência como investigador, denuncio como o tráfico se infiltra no ambiente escolar, os perfis mais vulneráveis, sinais de alerta. Faço questão de mostrar como agir com firmeza, denunciar, trabalhar em conjunto com família, escola e órgãos de proteção para romper esse ciclo antes que ele destrua mais vidas.



Cada palestra é um espelho do conteúdo deste e-book:

Se discutimos educação que começa em casa, elas mostram como isso é vivenciado. Se falamos sobre autoridade do professor, elas valorizam essa autoridade.

Se alertamos sobre internet, inclusão, abuso, droga – estão todas ali. Eu não apresento discurso decorado. Apresento realidade nua. Porque só ela pode mudar. E se você quiser essas palestras na sua escola ou comunidade, são **GRATUITAS** – basta me contatar.



A Verdade Que Ninguém Quer Ouvir

Sei que algumas palavras aqui podem ter incomodado. Mas prefiro incomodar agora do que ver pais e professores chorando depois. Essa é a minha missão: despertar você para a verdade que pode transformar a vida do seu filho e a educação no Brasil.

Depois de tudo o que você leu até aqui, talvez tenha ficado claro: não existe atalho. Educar dá trabalho. Ser pai ou mãe exige presença. Ser professor exige força, coragem e reconhecimento. E o futuro dos nossos filhos depende da união dessas duas forças: família e escola.

Eu já vi de perto o estrago de lares sem limites, de salas de aula sem respeito, de professores sendo tratados como inimigos e de crianças que perderam o rumo porque nunca tiveram alguém para guiá-las. Mas também já vi histórias de transformação.

Já vi jovens que saíram do caminho errado porque tiveram um pai que decidiu ouvir. Já vi turmas inteiras mudarem porque os pais começaram a apoiar o professor.

Já vi famílias reconstruírem seus lares a partir do diálogo e da verdade.

O que quero deixar registrado aqui é simples:

- Se você é pai ou mãe, assuma sua responsabilidade.*
- Se você é professor, não abra mão da sua autoridade.*
- Se você é aluno, entenda que a escola é o espaço que vai abrir ou fechar portas para o seu futuro.*

Eu não escrevi este material para ser agradável. Escrevi para ser verdadeiro.

E a verdade é que a educação começa em casa, é sustentada na escola e é garantida quando toda a sociedade decide que nossas crianças merecem mais do que desculpas.

O tempo de agir é agora.

Pais, conversem com seus filhos hoje mesmo.

Professores, reafirmem sua autoridade com coragem.

E juntos, vamos construir um futuro em que nossas crianças não apenas frequentem escolas, mas saiam delas preparadas para ser cidadãos de caráter, com dignidade e esperança.

Essa é a verdade que ninguém quer ouvir.

E é por isso que eu decidi falar.

— Cleiton Xavier



Entre em contato comigo!

 (31) 98866-3479

 @cleitonxavierpc

 @cleitonxavier

 @cleitonxavierpc

 @cleitonxavierpc

 www.cleitonxavier.com.br